

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores mensais de indústria, comércio e serviços: janeiro e fevereiro de 2022

Sumário

O desempenho recente dos indicadores de atividade econômica tem apresentado alguma instabilidade. Após a aceleração verificada nos dois últimos meses do ano passado, refletida no avanço de 0,5% do PIB no quarto trimestre, a maioria dos segmentos produtivos sofreu acomodação em janeiro de 2022 – mês marcado pelo forte avanço de novos casos da variante ômicron da Covid-19. Sendo assim, dois dos principais indicadores que buscam resumir a atividade econômica brasileira recuaram no mês. Enquanto o Índice de Atividade Econômica do Branco Central (IBC-Br) caiu 1%, o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), cedeu 1,4%, ambos na comparação contra o mês de dezembro, já descontados os efeitos sazonais. Ainda assim, com base nos indicadores disponíveis até o momento, nossas previsões sugerem que o nível de atividade deve apresentar uma recuperação em fevereiro. A previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea é que o Monitor do PIB cresça 1% na comparação sem efeitos sazonais (devido a altas esperadas para a indústria, comércio e serviços), o que melhora as perspectivas para o resultado do PIB no primeiro trimestre de 2022.

Entre os principais setores produtivos, a indústria segue enfrentando o cenário mais desafiador. Se, por um lado, a demanda doméstica ainda apresenta um ritmo razoável de crescimento, a produção nacional caiu 2,4% na comparação entre janeiro e dezembro, resultado que devolveu grande parte do crescimento auferido no mês anterior (2,9%), de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os problemas relacionados às cadeias produtivas globais e os custos elevados dos fretes internacionais seguem sendo importantes entraves ao crescimento da produção. Além disso, enquanto os preços da energia elétrica continuam elevados, o conflito armado na Ucrânia tem provocado aumento nos preços internacionais do petróleo. Entre os grandes grupos econômicos, a despeito da forte queda ocorrida no mês de janeiro, a produção de bens de capital continua sendo o destaque positivo, estimulada, particularmente, pela demanda proveniente do agronegócio, da construção civil e das indústrias extrativas. Já a produção de bens de consumo duráveis apresenta os piores resultados, estando 26,4% abaixo do nível observado no período pré-pandemia. Vale notar que em alguns dos seus segmentos, particularmente a indústria automotiva, os gargalos de oferta têm sido mais restritivos, provocando, inclusive,

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Divulgado em 31 de março de 2022.

a presença de alguma demanda reprimida. Corroborando este ponto, o Indicador Ipea de Consumo Aparente de Bens Industriais segue apresentando um cenário mais benigno. Apesar da queda generalizada na passagem entre dezembro e janeiro, a demanda registrou crescimento de 6,6% na comparação acumulada em doze meses, enquanto a produção industrial, mensurada pela PIM-PF, cresceu apenas 3,1%. Para o mês de fevereiro, a Dimac estima que a produção industrial tenha avançado 1,4% na comparação sem efeitos sazonais, com uma queda de 3,1% sobre o mesmo período de 2021.

As vendas do varejo, medidas na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE, recuaram 0,3% na margem em janeiro, interrompendo duas altas consecutivas nessa base de comparação. Com esse resultado, o volume de vendas no varejo ampliado recuou para um patamar 1,6% inferior ao nível pré-pandemia – medido em fevereiro de 2020. Após a rápida recuperação em relação ao tombo ocorrido em abril de 2020, as vendas no varejo têm apresentado desempenho modesto, com uma taxa média de crescimento mensal (com ajuste sazonal) de -0,2% no ano de 2021. Embora o mercado de trabalho venha se recuperando, o orçamento das famílias segue pressionado pela inflação e pelo encarecimento do crédito. Nossas previsões apontam uma alta de 1,3% para o resultado do comércio varejista (conceito ampliado) em fevereiro, na série sem efeitos sazonais. Já as vendas no varejo restrito devem avançar 1,2%, na mesma base de comparação.

Os serviços foram o setor que tiveram o melhor desempenho no fim do ano passado e em janeiro deste ano. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, o setor ficou praticamente estável em janeiro (recuou 0,1%, na série livre de efeitos sazonais). O resultado interrompeu duas altas consecutivas, período no qual o indicador acumulou uma expansão de 4,7%. Entre os segmentos que recuaram na margem, o destaque ficou por conta dos serviços prestados às famílias, que registraram a primeira queda desde março de 2021. O resultado se explica, em grande medida, pelo avanço dos níveis de contágio provocado pela variante ômicron no início do ano, ocasionando uma reversão temporária nos níveis de mobilidade urbana – que também pode ter afetado as vendas do comércio. Não obstante essa pequena acomodação, o setor continua destacando-se entre as atividades econômicas e já está um patamar 7% acima do nível pré-pandemia. Em relação ao mês de fevereiro, a Dimac/Ipea projeta uma alta na margem do indicador geral da PMS, com avanço de 1,5% na comparação com janeiro (com ajuste sazonal) e de 10,6% sobre fevereiro de 2021. O destaque positivo é o crescimento previsto de 4% sobre janeiro para os serviços prestados de informação e comunicação. Na comparação interanual, esperamos uma alta de 10,3% para este segmento.

1 Resultados gerais

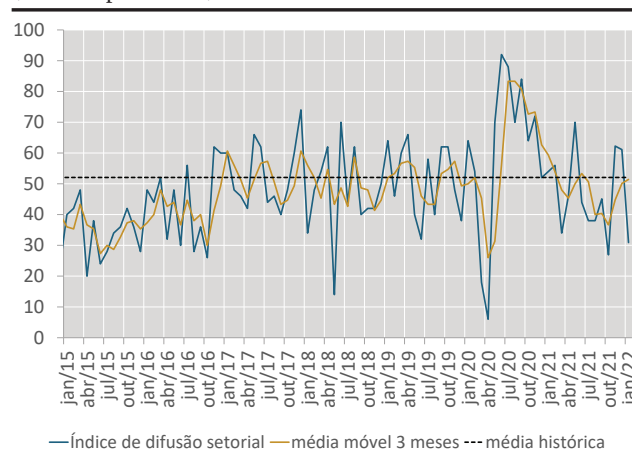
O desempenho recente dos indicadores setoriais de atividade econômica indica que, após encerrar 2021 com crescimento, todos os três setores produtivos apresentaram acomodação no mês de janeiro (tabela 1). Com isso, dois dos principais indicadores que buscam sintetizar a atividade econômica brasileira recuaram no período. O IBC-Br caiu 1% na comparação entre os meses de janeiro e dezembro, na série dessazonalizada, interrompendo uma sequência de três altas na margem. Na comparação interanual, o indicador manteve-se estável em relação ao mesmo período de 2021. O Monitor do PIB, da FGV, por sua vez, também recuou na margem, registrando baixa de 1,4% sobre dezembro, após avanços de 1% e 1,5% nos meses de novembro e dezembro, respectivamente. Na comparação contra janeiro de 2021, o indicador registrou a décima segunda variação positiva, com alta de 1,2%.

A acomodação verificada na atividade econômica no primeiro mês de 2021 foi caracterizada por baixos níveis de difusão, indicando que esse arrefecimento ocorreu de maneira disseminada. De acordo com o indicador de difusão setorial, de um total de cinquenta segmentos, apenas dezessete apresentaram crescimento na mar-

gem em janeiro, reduzindo o índice para 30,9%, ante 61,1% de dezembro. Este foi o pior resultado desde outubro do ano passado, quando esta taxa ficou em 26,9% (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes ao mês de fevereiro, a Dimac/Ipea projeta uma melhora generalizada no desempenho da atividade econômica (tabela 1), com altas para os três principais setores da atividade na comparação dessazonalizada. Entre eles, o destaque ficaria por conta do setor de serviços, que retomaria sua trajetória de recuperação, após ter ficado praticamente estagnado no mês de janeiro, quando foi afetado negativamente pela queda nos níveis de mobilidade urbana. Com isso, nossa estimativa de crescimento de 1% na margem para o Monitor do PIB em fevereiro melhora o carregamento estatístico para o primeiro trimestre de 2022.

GRÁFICO 1
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (jan./2015-jan./2022)
(Em taxa percentual)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de cinquenta segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 1
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para fevereiro de 2022
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Previsão Dimac/Ipea - Fev./22	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Previsão Dimac/Ipea - Fev./22
Monitor do PIB	1,0	1,5	-1,4	1,0	1,8	3,1	1,2	1,0
Produção Industrial	0,0	2,9	-2,4	1,4	-4,4	-5,0	-7,2	-3,1
Comércio Varejista (ampliado) ¹	0,6	0,3	-0,3	1,3	-2,9	-2,7	-1,4	3,6
Comércio Varejista (restrito)	0,4	-1,9	0,8	1,2	-4,2	-3,0	-1,9	2,0
Serviços	2,9	1,7	-0,1	1,5	10,2	11,0	9,4	10,6

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos e de materiais de construção.

2 Indústria

A produção física da indústria recuou 2,4% na comparação entre janeiro e dezembro, na série com ajuste sazonal, de acordo com a PIM-PF. Com esse resultado, que devolveu quase todo o crescimento registrado no período anterior (2,9%), o trimestre móvel encerrado em janeiro registrou avanço de 0,5% na margem. Já nas comparações interanuais, as quedas foram de 7,2% e 5,5% (tabela 2). Entre as classes, a maior contribuição negativa veio das indústrias extrativas, que cedeu 5,2% na comparação dessazonalizada. A indústria de transformação, por sua vez, recuou 2,2% na margem.

A escassez de matérias-primas desorganizou as cadeias produtivas e encareceu os insumos, o que continua sendo um dos principais entraves para o crescimento da produção. Além disso, enquanto os preços da energia elétrica

seguem pressionados, o conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia tem provocado aumento nos preços internacionais do petróleo. Além dos combustíveis, cujo preço ao atacado acumulou alta de 38,6% nos doze meses encerrados em fevereiro, a guerra pode pressionar os custos em outros segmentos, como os de bens intermediários, principalmente no segmento de suprimentos, onde estão inseridos os fertilizantes, cujas importações provenientes da Rússia têm um peso significativo. Enquanto o grupo intermediários acumula alta de 45,3%, o subgrupo fertilizantes registra um crescimento de 83,9% na mesma base de comparação (tabela 3).

TABELA 2

Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trim. ¹	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trim. ¹	no ano	Em doze meses
Geral	0,0	2,9	-2,4	0,5	-4,3	-7,8	-7,2	-5,4	-7,2	3,1
Classes										
Indústrias Extrativas	5,2	0,7	-5,2	-1,1	4,5	-4,7	-6,6	-0,1	-6,6	0,5
Transformação	-0,2	2,6	-2,2	0,5	-5,5	-8,2	-7,3	-6,2	-7,3	3,5
Grupos Econômicos										
Capital	-3,0	5,4	-5,6	-0,8	4,4	8,1	-8,0	0,2	-8,0	25,5
Intermediários	0,1	1,4	-1,9	-0,4	-2,9	-6,7	-5,1	-4,0	-5,1	2,6
Consumo	0,2	3,6	-2,5	1,6	-9,6	-13,8	-11,9	-10,2	-11,9	-0,8
Duráveis	2,0	7,5	-11,5	1,4	-20,8	-27,9	-25,8	-21,0	-25,8	0,0
Semi e Não-Duráveis	-0,1	1,5	-0,5	-0,1	-6,4	-10,0	-8,3	-7,3	-8,3	-1,0
Insumos da Construção Civil	-0,1	-0,5	-0,5	-3,2	-8,0	-9,8	-11,0	-10,1	-11,0	6,1

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

TABELA 3

Índice de Preços ao Produtor (IPA): taxas de variação acumuladas
(Em %)

	Variações acumuladas		
	2021	Mar./20 a Fev./21	Mar./21 a Fev./22
IPA - Todos os itens	20,6	41,8	17,4
Bens finais	17,0	19,7	17,1
Bens de consumo duráveis	15,8	12,4	14,4
Alimentação	10,1	26,8	15,1
Combustíveis	68,8	29,3	38,6
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	10,6	7,6	10,2
Bens de investimento	24,6	20,5	22,7
Bens intermediários	37,2	33,7	29,4
Materiais e componentes para a manufatura	30,5	39,0	23,8
Embalagens	28,8	29,1	20,2
Suprimentos	60,7	33,5	45,3
Fertilizantes	139,8	54,0	83,9
Matérias-primas brutas	9,8	74,7	7,6
Matérias-primas brutas agropecuárias	21,3	57,8	21,3
Minerais	-16,4	125,5	-21,1

Fonte: FGV.

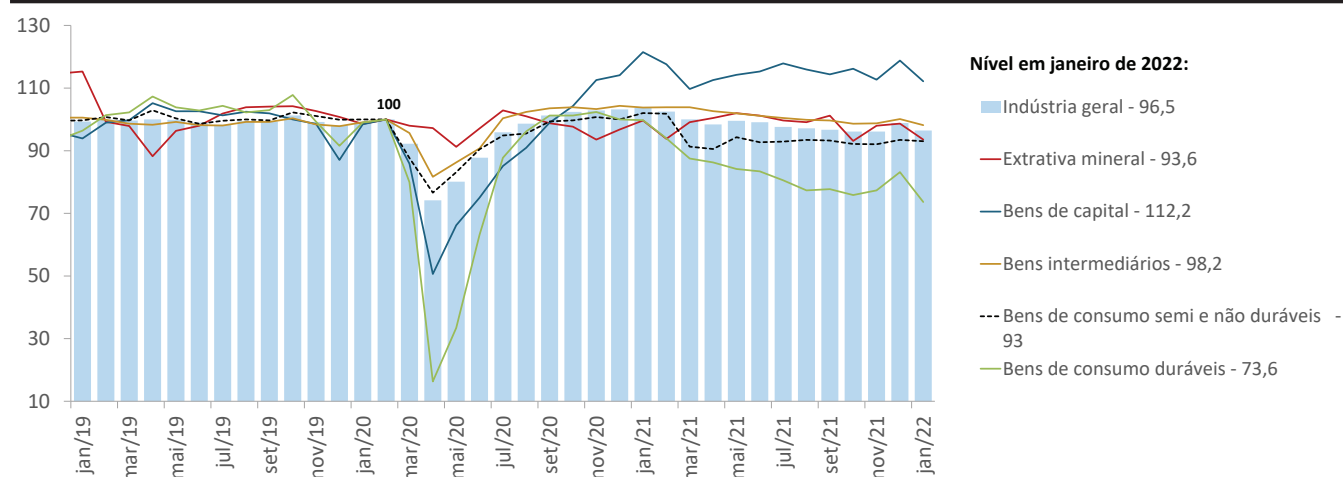
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Entre os grandes grupos econômicos, a produção de bens de consumo duráveis continua apresentando os piores resultados. Tendo alguns segmentos ainda bastante afetados pela escassez de insumos, a queda de 11,5% em janeiro interrompeu uma sequência de duas altas nos meses anteriores, deixando o nível de produção 26,4% abaixo do período pré-pandemia (gráfico 2). Grande parte dessa flutuação ocorrida entre os meses de dezembro e janeiro deveu-se ao comportamento do setor automotivo. Um dos mais afetados pela escassez de insumo, particularmente os itens com maior conteúdo tecnológico, o setor segue operando com estoques reduzidos. Além disso, a alteração implementada no calendário de férias por diversas montadoras (que passou de dezembro para janeiro) e um aumento no número de faltas provocadas pela variante ômicron ajudam a explicar essa volatilidade. Em contrapartida, a produção de bens de capital segue como o grande destaque positivo, atingindo em janeiro um patamar 12,2% superior ao período pré-pandemia. Grande parte do crescimento da produção de máquinas e equipamentos tem sido motivada para atender à demanda nos setores do agronegócio e da construção civil (gráfico 3).

GRÁFICO 2

Produção industrial: evolução da indústria geral e grupos econômicos – séries dessazonalizadas (jan./2019-jan./2022)

(Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora o desempenho da produção industrial venha se mostrando fraco, a demanda por bens industriais tem apresentado um resultado mais favorável. De acordo com o Indicador Ipea de Consumo Aparente de Bens Industriais, enquanto a demanda registrou crescimento de 6,6% na comparação acumulada em doze meses, a produção industrial, mensurada pela PIM-PF, acumulou um aumento de 3,1% em janeiro. Entre os grandes grupos econômicos, com exceção dos bens de capital, todos os demais apresentam um crescimento da demanda acima da produção interna, indicando uma maior participação dos bens importados (tabela 4). No caso do consumo aparente de bens intermediários, a diferença é mais dramática. Enquanto a demanda por insumos acumulou alta de 8,3% nos doze meses terminados em janeiro, a produção interna cresceu apenas 2,6%.

TABELA 4

Consumo aparente de bens industriais: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trim. ¹	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Indústria Geral	2,0	1,1	-2,3	1,5	-0,5	-3,3	-7,7	-3,8	-7,7	6,6
Extrativa Mineral	27,7	0,4	0,6	13,8	31,3	30,2	25,8	29,0	25,8	19,2
Transformação	1,3	1,7	-3,2	1,2	-2,2	-4,7	-9,2	-5,3	-9,2	6,0
Grandes categorias										
Capital	1,3	12,2	-12,9	5,2	-0,6	-18,2	-22,0	-13,8	-22,0	10,9
Intermediários	0,9	0,1	-0,7	-0,4	0,3	-2,2	-5,2	-2,3	-5,2	8,3
Consumo	3,6	3,5	-4,3	3,4	-3,8	-4,1	-9,5	-5,7	-9,5	1,5
Duráveis	4,9	10,8	-14,2	6,8	-6,4	-1,2	-21,2	-9,5	-21,2	9,8
Semi e não duráveis	3,3	0,3	-1,9	1,2	-2,0	-3,4	-6,4	-3,7	-6,4	0,0

Fontes: Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

TABELA 5

Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para fevereiro de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

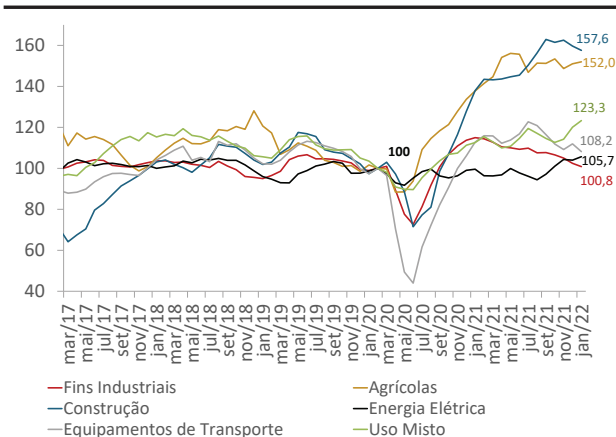
	Set./21	Out./21	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Fev./22 (previsão)
Indústria geral	-0,5	-0,6	0,0	2,9	-2,4	1,4
Indústrias extrativas	2,1	-8,0	5,2	0,7	-5,2	7,5
Indústrias de transformação	-0,5	-0,1	-0,2	2,6	-2,2	0,8
Alimentos	-3,3	-6,8	8,4	3,6	1,4	-4,0
Têxtil	-0,6	-8,3	2,7	0,0	-1,8	-5,1
Vestuário	1,2	-1,8	-0,7	1,5	3,0	-2,1
Couro e calçados	-5,6	-1,0	0,1	3,5	-1,2	-1,4
Celulose e papel	1,5	0,9	-0,5	1,8	-0,6	-0,7
Derivados de petróleo e biocomb.	1,2	4,0	-0,5	0,1	3,5	-3,2
Químicos	2,4	2,6	0,5	-0,3	-2,2	3,1
Limpeza e perfumaria	0,9	-2,1	-6,6	1,8	2,4	3,3
Farmacêuticos	6,7	-2,5	1,3	-6,7	-5,4	7,3
Borracha e plásticos	0,7	3,0	-5,6	-1,8	-1,4	1,9
Minerais não-metálicos	-0,6	-0,8	-0,3	1,9	-2,4	4,4
Metalurgia	-2,7	-2,1	-3,8	2,6	-2,8	0,4
Metais	-0,5	-2,0	-2,4	-1,0	-3,3	3,1
Informática e eletrônicos	-1,5	-1,1	1,1	14,4	-4,5	5,8
Máquinas e materiais elétricos	2,0	-5,8	0,6	-1,5	-1,1	0,9
Máquinas e equipamentos	2,5	-5,0	1,4	0,9	-2,3	0,3
Veículos automotores	-0,5	-0,5	2,6	15,2	-17,4	3,2
Outros equipamentos de transporte	-7,7	2,0	-0,4	-4,3	-3,4	10,6
Outros produtos	1,5	2,1	-4,1	5,2	1,7	1,8
Insumos construção civil	-2,0	-3,0	-0,1	-0,5	-0,5	0,3

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para fevereiro, no entanto, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 1,4% na série sem efeitos sazonais, com queda de 3,1% na comparação com o mesmo período de 2021 (tabela 5). Com isso, o *carry-over* para o primeiro trimestre ficaria em 0,3%. Esse resultado contou com uma contribuição positiva das indústrias extrativas, que estimamos terem avançado 7,5% na margem. Já a indústria de transformação deve registrar alta de 0,8% na mesma comparação. Entre os segmentos, os destaques ficariam por conta da produção de outros equipamentos de transporte; e de informática e eletrônicos, com crescimentos previstos de 10,6% e 7,3%, respectivamente.

GRÁFICO 3
Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – séries dessazonalizadas (médias móveis de três meses)
 (Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

De acordo com a PMC, as vendas no comércio varejista, no conceito ampliado, recuaram 0,3% na margem em janeiro, interrompendo duas altas seguidas nessa base de comparação. Excluindo as vendas de veículos e materiais de construção, no entanto, o chamado varejo restrito cresceu 0,8% na margem. Na comparação interanual, ambas ficaram abaixo dos patamares verificados em janeiro de 2021 (tabela 6). Entre os segmentos, apenas quatro registraram crescimento na margem, com destaque a venda de outros artigos de uso pessoal e doméstico; e artigos farmacêuticos, com altas de 9,4% e 3,8%, respectivamente. Já as vendas de veículos exerceram a maior contribuição negativa, com recuo de 1,9% na margem.

TABELA 6
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trím. ¹	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trím. ¹	No ano	Em doze meses
Comércio varejista restrito²	0,4	-1,9	0,8	-0,9	-4,2	-3,0	-1,9	-3,1	-1,9	1,3
Comércio varejista ampliado³	0,6	0,3	-0,3	0,0	-2,9	-2,7	-1,4	-2,4	-1,4	4,6
1. Combustíveis e lubrificantes	-1,4	0,0	-0,4	-2,7	-7,0	-6,3	-6,8	-6,7	-6,8	0,4
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,8	-0,5	-0,1	0,2	-0,7	-0,4	-1,0	-0,7	-1,0	-2,8
2.1 Hipermercados e supermercados	0,7	-0,5	0,3	0,3	-0,8	-0,6	-1,1	-0,8	-1,1	-2,7
3. Tecidos, vestuário e calçados	-2,0	-0,4	-3,9	-3,9	-4,4	-1,0	2,6	-1,4	2,6	16,1
4. Móveis e eletrodomésticos	-1,8	-0,1	-0,6	-4,2	-21,2	-18,0	-11,5	-17,5	-11,5	-7,5
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	2,9	3,2	3,8	6,4	2,6	7,8	10,0	6,8	10,0	9,6
6. Livros, jornais, revistas e papeleria	0,3	2,1	-2,0	0,8	-14,1	-6,0	23,1	1,6	23,1	-4,0
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,1	-1,8	0,3	1,5	-5,6	-6,4	-7,1	-6,3	-7,1	-1,4
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,2	-9,9	9,4	-3,9	-2,6	-5,8	-6,0	-4,7	-6,0	11,3
9. Veículos, motos, partes e peças	0,7	1,1	-1,9	-0,2	1,7	0,4	2,8	1,6	2,8	17,0
10. Materiais de construção	0,4	-1,4	-0,3	-1,6	-4,0	-8,2	-7,8	-6,6	-7,8	2,9

Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

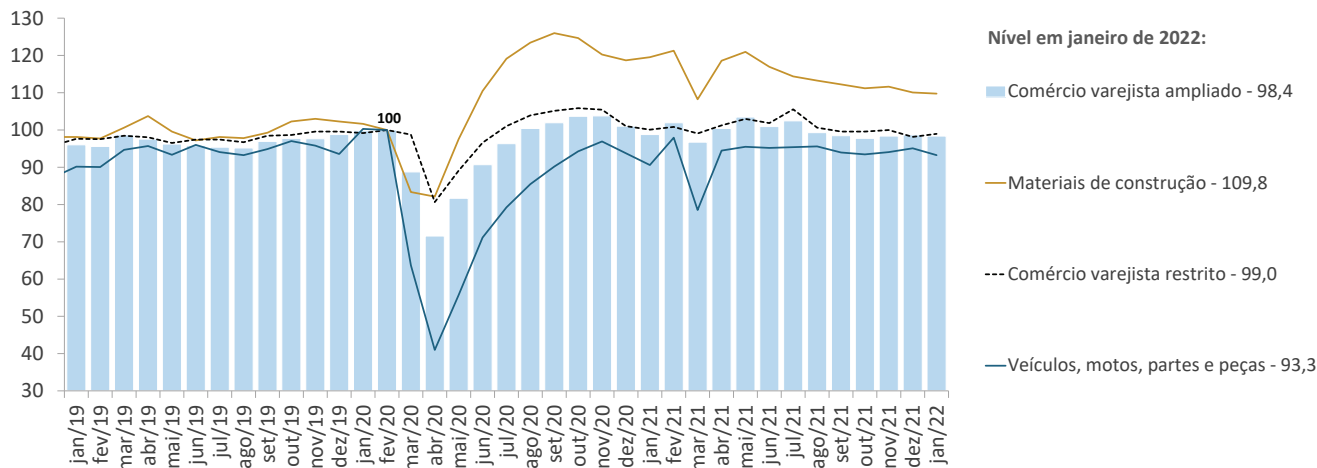
¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

³ O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

GRÁFICO 4

Comércio varejista: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (jan./2019-jan./2022)
(Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea e IBGE.

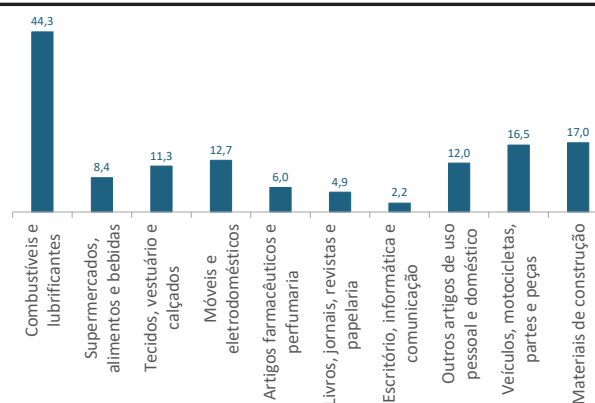
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Com esse resultado, o volume de vendas no varejo ampliado recuou para um patamar 1,6% inferior ao nível pré-pandemia. Após a rápida retomada observada no segundo semestre de 2020, as vendas no varejo têm apresentado fraco desempenho, corroborado por uma taxa média de crescimento mensal de -0,2% (na comparação com ajuste sazonal) em 2021. Entre os segmentos, cinco encontram-se acima do nível pré-pandemia, com destaque para artigos farmacêuticos (24,2%) e materiais de construção (9,8%). Embora o mercado de trabalho venha se recuperando, o orçamento das famílias segue pressionado pela inflação e pelo encarecimento do crédito. Com isso, embora os níveis de inadimplência ainda não tenham apresentado piora significativa, o comprometimento da renda das famílias com os serviços da dívida tem registrado elevação. Com base nos deflatores da PMC, a grande maioria dos segmentos apresenta taxas de inflação acumuladas em doze meses acima de dois dígitos. Entre aqueles mais pressionados, os preços dos combustíveis (44,3%), dos materiais de construção (17%) e dos veículos (16,5%) apresentaram as maiores altas (gráfico 5). Além disso, com a normalização das atividades no setor de serviços, é provável que uma parcela da renda que vinha sendo gasta com a aquisição de bens volte a ser direcionada aos serviços. Entre os fatores positivos para este ano, o novo programa de transferência de renda, o Auxílio Brasil, associado a alguma reposição salarial das perdas geradas pela inflação passada, pode dar algum fôlego ao consumo.

Em relação a fevereiro, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera uma alta de 1,3% na margem para o varejo ampliado, com crescimento interanual de 3,6%, a primeira variação

GRÁFICO 5

Comércio varejista: deflator implícito – taxas de variação acumuladas em doze meses (jan./2022)
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

positiva desde julho de 2021. Com este resultado, o *carry-over* para o primeiro trimestre ficaria em 1%. Já no conceito de varejo restrito, prevemos uma alta de 1,2% na margem, com crescimento de 2% sobre fevereiro de 2021. Entre os segmentos, prevemos as maiores altas para as vendas de materiais de construção (3,1%); de móveis e eletrodomésticos (2,8%); e de vestuário (1,3%) (tabela 7).

TABELA 7

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para fevereiro de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada (Em %)

	Set./21	Out./21	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Fev./22 (previsão)
Varejo ampliado	-0,8	-0,7	0,6	0,3	-0,3	1,3
Varejo restrito	-1,0	0,0	0,4	-1,9	0,8	1,2
Combustíveis e lubrificantes	-2,9	-0,3	-1,4	0,0	-0,4	-0,9
Hiper e supermercados	-1,2	0,2	0,8	-0,5	-0,1	0,5
Tecidos, vestuário e calçados	-1,2	0,0	-2,0	-0,4	-3,9	1,3
Móveis e eletrodomésticos	-3,4	-1,4	-1,8	-0,1	-0,6	2,8
Artigos farmacêuticos e perfumaria	0,3	-0,1	2,9	3,2	3,8	-0,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	-1,7	-0,5	0,7	1,1	-1,9	-0,4
Material de construção	-0,9	-0,9	0,4	-1,4	-0,3	3,1

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

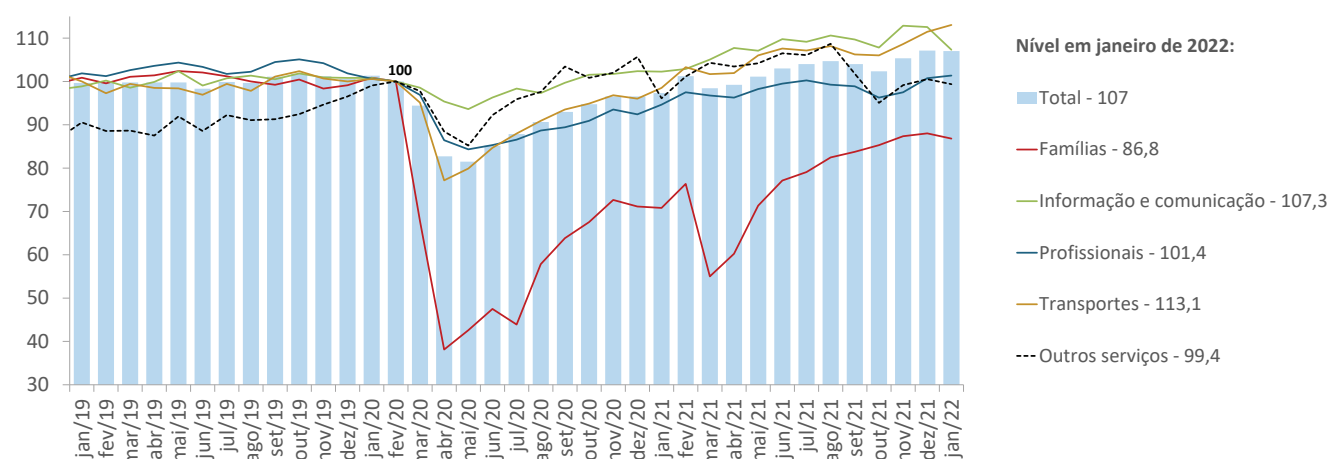
4 Serviços

Por fim, segundo a PMS/IBGE, o setor recuou 0,1% em janeiro, na série livre de efeitos sazonais. O resultado interrompeu duas altas consecutivas, período no qual o indicador acumulou uma expansão de 4,7%. No trimestre móvel encerrado em janeiro, todavia, o resultado é positivo (2,7%). Na comparação com o mesmo período do ano anterior, o crescimento em janeiro foi de 9,4%, enquanto o trimestre móvel registrou alta de 10,3% (tabela 8). Setor mais afetado pela crise sanitária, os serviços voltaram ao patamar pré-pandemia apenas em fevereiro de 2021. Desde então sua trajetória tem sido positiva, com uma taxa média de crescimento mensal de 0,9% (na comparação com ajuste sazonal) no ano passado. Não obstante a pequena acomodação no mês de janeiro, o setor continua destacando-se entre as atividades econômicas e já ocupa um patamar 7% acima do nível pré-pandemia (gráfico 6).

GRÁFICO 6

Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (jan./2019-jan./2022)

(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Entre os segmentos que recuaram na margem, o destaque negativo ficou por conta dos serviços prestados às famílias, que registraram a primeira queda desde março de 2021. O resultado se explica, em grande medida, pelo crescimento dos níveis de contágio de Covid-19 provocado pela variante ômicron no início deste ano, ocasionando alguma retração nos níveis de mobilidade urbana no período (gráfico 7).

TABELA 8
Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trim. ¹	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Total	2,9	1,7	-0,1	2,7	10,2	11,0	9,4	10,3	9,4	12,2
1. Serviços prestados às famílias	2,4	0,7	-1,4	4,2	20,7	21,6	19,4	20,6	19,4	25,1
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	2,6	0,5	-1,5	4,1	20,7	21,7	19,6	20,7	19,6	27,3
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,0	2,9	-0,8	3,8	20,4	21,2	17,7	19,8	17,7	13,6
2. Serviços de informação e comunicação	4,7	-0,3	-4,7	1,4	11,2	10,1	4,9	8,8	4,9	9,7
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	5,5	-0,6	-4,5	1,9	11,7	10,3	4,3	8,9	4,3	9,3
2.1.1 Telecomunicações	0,9	-0,6	-1,1	-1,9	-1,4	-2,3	-5,5	-3,0	-5,5	-0,6
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	10,3	1,9	-8,9	7,6	31,2	25,8	19,4	25,6	19,4	25,2
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,1	0,4	-3,5	-0,3	7,7	8,8	10,8	8,9	10,8	13,3
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,3	3,3	0,6	1,8	5,2	8,5	7,8	7,2	7,8	8,7
3.1 Serviços técnico-profissionais	-1,6	4,7	1,3	0,0	3,2	11,3	10,5	8,3	10,5	13,0
3.2 Serviços administrativos e complementares	2,0	1,6	1,0	1,8	6,0	7,2	6,7	6,6	6,7	7,0
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,5	2,6	1,4	4,0	13,7	15,7	15,2	14,9	15,2	16,8
4.1 Transporte terrestre	1,1	3,0	2,1	4,5	12,7	17,1	15,2	15,0	15,2	16,6
4.2 Transporte aquaviário	1,8	3,1	1,0	5,6	18,2	21,0	18,5	19,2	18,5	15,5
4.3 Transporte aéreo	8,0	8,3	0,7	5,4	36,7	56,8	49,8	47,8	49,8	48,2
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,5	-3,0	3,4	-0,2	9,4	5,3	6,5	7,0	6,5	12,2
5. Outros serviços	4,3	1,4	-1,1	-2,1	4,2	-4,6	3,1	-1,7	3,1	5,5
Atividades Turísticas²	7,3	3,3	1,1	10,3	4,2	31,5	29,2	29,0	29,2	30,7

Fonte: PMS/IBGE.

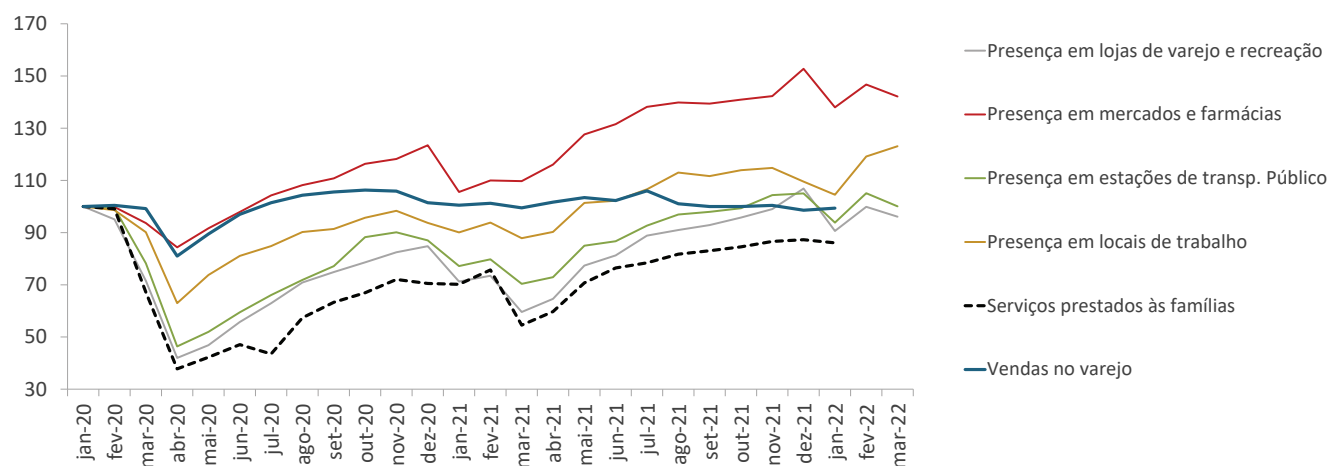
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

GRÁFICO 7
Indicadores de mobilidade versus atividade econômica (jan./2020-mar./2022)
 (Em %)¹



Fonte: IBGE e Google.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Variação em relação aos níveis de janeiro de 2020.

Para fevereiro, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS volte a crescer, com alta de 1,5% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 10,6% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o primeiro trimestre ficaria em 3%. Entre os cinco segmentos, o resultado positivo seria generalizado, com destaque os serviços de informação e comunicação, com alta de 4% na margem (tabela 9).

TABELA 9
Serviços: desempenho recente e previsão para fevereiro de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
 (Em %)

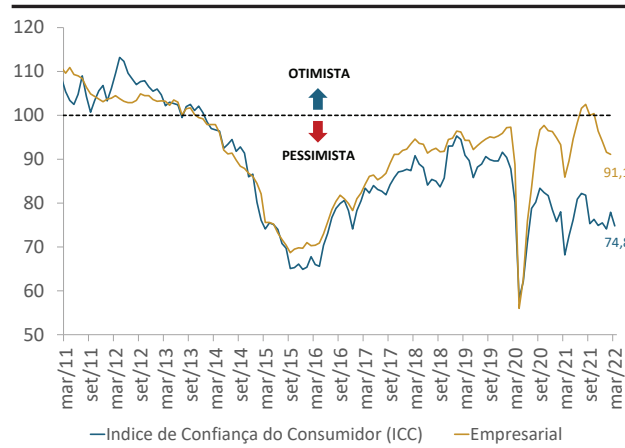
	Set./21	Out./21	Nov./21	Dez./21	Jan./22	Fev./22 (previsão)
Serviços	-0,6	-1,6	2,9	1,7	-0,1	1,5
Serviços prestados às famílias	1,6	1,8	2,4	0,7	-1,4	0,4
Serviços de informação e comunicação	-0,8	-1,7	4,7	-0,3	-4,7	4,0
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,4	-2,6	1,3	3,3	0,6	0,1
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,8	-0,2	2,5	2,6	1,4	0,6
Outros serviços	-6,4	-6,6	4,3	1,4	-1,1	2,7

Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5 Confiança

Refletindo ainda fatores como: os efeitos negativos da ômicron sobre as atividades presenciais em janeiro; o aperto na política monetária implementado pelo BCB; e os problemas gerados pela escassez e encarecimento de insumos em vários segmentos industriais; os indicadores de confiança dos agentes voltaram a se deteriorar nos primeiros meses de 2022. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 91,1 pontos em fevereiro, sendo esta a quarta queda consecutiva na série com ajuste sazonal. Este resultado se deve a uma piora na confiança dos empresários da indústria e do setor de serviços. Em direção contrária, os empresários das atividades de comércio e construção civil registraram alguma recuperação no mês de fevereiro. Já o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), após registrar sensível melhora em fevereiro, voltou a deteriorar no mês seguinte, indicando preocupação das famílias com a situação financeira (gráfico 8).

GRÁFICO 8
Indicadores de confiança: empresarial versus consumidores
 – séries dessazonalizadas (mar./2011-mar./2022)
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
